

236

DECLÍNIO DA SERINGUEIRA NO ESTADO DO AMAZONAS: OBSERVAÇÕES PRELIMINARES. Nilton T.V. Junqueira<sup>1</sup>, C.F. Robbs<sup>2</sup>, J. Rodrigues Neto<sup>3</sup> & A.P. da Silveira<sup>3</sup>. (<sup>1</sup>CNPDS/EMBRAPA, C. Postal 319, 39.000, Manaus, AM; <sup>2</sup>CNPDA/EMBRAPA, Cx. Postal 69, 13.820, Jaguariuna, SP, Bolsista do CNPq; <sup>3</sup>Pesquisadores do Instituto Biológico de São Paulo, C. Postal 70, 13.100, Campinas, SP). *The rubber tree decline in the state of Amazonas: preliminary observations.*

A partir de 1983 um mal aparentemente novo vem sendo observado em seringueiras cultivadas no Estado do Amazonas. O problema se caracteriza por um declínio das plantas, levando-as não raro à morte. Elevado índice de mortalidade foi registrado em clones IAN 717 e Fx 3899 no município de Lábrea.

Os sintomas iniciais são constituídos por amarelecimento ou bronzeamento de folhas com 3 a 4 meses de idade, que em seguida caem no sentido da ponta para a base dos ramos. Tais desfolhas implicam em novos lançamentos, enfraquecidos, de folhas reduzidas, entrenós curtos e descoloração gradativa da ponta dos ramos e região do pulvino. Com o esgotamento das reservas (amido), tais ramos vão secando com fendilamentos ou afetados por fungos oportunistas. Dessa forma as árvores vão declinando e não raramente morrem. Rachaduras de tronco com exsudação de latex são aparentemente relacionadas ao declínio. Seringueiras com excelente manejo poderão também ser afetadas.

Tem-se verificado alta suscetibilidade em alguns clones e bons níveis de tolerância em outros. A *Hevea* nativa até o momento não é afetada, onde se deduz que a principal fonte de disseminação seja constituída pelo material de propagação vegetativa infectado. O exame de tecidos por microscopia ótica tem mostrado elevados níveis de microorganismos, incluindo bacterias (cocos e bastonetes) e protozoários. Inoculações de plantas sadias em câmara úmida por infiltração de extratos aquosos de tecidos infectados, têm demonstrado resultados positivos. Apesar deste fato, o isolamento de cultura pura de um suposto agente infeccioso ainda não foi possível. Plantas doentes reagem a tratamentos com antibióticos, porém com pouca duração.

237

OCCORRÊNCIA DE *XANTHOMONAS CAMPESTRIS* PV. *MELONIS* EM MELÃO NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. C.F. Robbs<sup>1</sup>, J. Rodrigues Neto<sup>2</sup> (<sup>1</sup>CNPDA/EMBRAPA, Caixa Postal 69, 13.820, Jaguariuna, SP, Bolsista do CNPq; <sup>2</sup>Instituto Biológico de São Paulo, C. Postal 70, 13.100, Campinas, SP, Bolsista do CNPq). *Occurrence of *Xanthomonas campestris* pv. *melonis* on muskmelons in the state of Rio Grande do Norte.*

Foi registrada no inverno chuvoso de 1985 em cultivos de melão (*Cucumis melo*) da MAISA (Mossoró Agro-industrial S.A.) enfermidade envolvendo o apodrecimento interno dos frutos, inutilizando até 30% dos mesmos para a exportação e comércio interno. Os sintomas são visíveis em frutos próximos a maturação e caracterizam-se por uma ou mais lesões de coloração marrom ou verde escuro na superfície da casea. Um corte realizado envolvendo tais lesões revelam a presença de descolorações pardo escuras da polpa que progridem em profundidade com a maturação, até atingirem a cavidade central dos frutos, originando o termo vulgar de "barriga d'água". Não foram constatadas lesões em folhas, acreditando-se na sobrevivência do patógeno como epífita na filosfera e sua disseminação por sementes infectadas.

Tais podridões têm sido relacionadas no Brasil com os patógenos *Erwinia carotovora* subsp. *carotovora* e *Xanthomonas campestris* pv. *melonis*. Nos Estados Unidos da América do Norte, tais sintomas tem sido associados à *Erwinia ananas* pv. *ananas*. Isolamentos e caracterização do patógeno envolvendo com a podridão de frutos da MAISA revelaram tratar-se de *X. c.* pv. *melonis* (J. Rodrigues Neto et al., Summa Phytopathol. 10(3-4): 217-233, 1984).

Tal enfermidade tem ocorrido em períodos chuvosos principalmente no Estado de São Paulo. É também possível relacionar tal epidemia com o uso intensivo de fungicidas orgânicos, particularmente captafol, sem alterná-los com cúpricos ou misturas cupro-orgânicas, bactericidas por excelência, como já foi registrado em literatura.